

No meio do som tinha um silêncio (e Eu(s) também)

Comunicação

GTE 04 - Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Milena Arca Nunes da Matta¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

milena.arcadamatta@gmail.com

Resumo: Neste trabalho, investigo a escrita autobiográfica como prática de pesquisa em Educação Musical, sob uma perspectiva pós-estrutural. A partir da escuta dos silêncios que atravessam a formação docente, proponho tensionar as formas de narrar a docência em música, como um gesto ético e político de constituição do sujeito e do currículo. A pesquisa adota abordagem qualitativa com base (auto)biográfica, assumindo o entrelaçamento entre experiência, linguagem e memória como matéria investigativa. Nesse percurso, a escrita emerge como movimento de inacabamento, de retorno e de ruído, evidenciando as contradições e afetos que atravessam o ensinar e o lembrar. Os resultados incluem o mapeamento da produção (auto)biográfica na Educação Musical brasileira entre 2000 e 2025, com destaque para a emergência do Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil e suas ações coletivas. Ao visibilizar outras formas de narrar e formar-se professora, o texto propõe uma escuta mais atenta aos sons e silêncios (e aos Eu(s)).

Palavras-chave: autobiografia; educação musical; currículo.

ABERTURA: Quando a Palavra É Travessia

E se eu dissesse que, nos primeiros anos como docente em música, acreditei ser uma fraude?

Não como efeito colateral de uma insegurança individual, mas como marca de uma política de formação que me convoca ao desempenho, ao sucesso, à prontidão técnica que eu visivelmente não tinha.

O que você pensaria de mim?

Talvez nada. Talvez tudo.

Ou talvez sentisse, como eu, a estranheza de um silêncio que habita os corredores escolares e nos engole nos primeiros dias de aula — não pela ausência de sons, mas pelo excesso de sentidos.

¹ O trabalho apresentado está ligado a tese em andamento “Quando o eu se escreve, o currículo se traduz: autobiografia na educação musical”, orientado pela Prof.^a Dr.^a Andréa Rosana Fetzner. Afiliações: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM), Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação e Currículo (GEPAC). Pesquisa realizada com auxílio financeiro da CAPES.

Sou professora de Música e, neste entre-lugar, escrevo.
Ao escrever em primeira pessoa do singular, *não estou só*.
Naquela escola silenciosa, o que me intimidava não eram os corpos presentes, mas os discursos ausentes: ninguém havia me dito que eu não precisava saber tudo. Ninguém havia me dito que era legítimo não saber. E mais do que isso: que o não saber também é lugar de potência pedagógica. O que quero aqui não é narrar uma trajetória vitoriosa. Quero tensioná-la. Quero inscrever minhas experiências na disputa pela legitimidade das vozes que contam o que é ensinar música.
(Relato autobiográfico, Autora, 2025)

Quando comecei a me aproximar da autobiografia como alternativa de pesquisa em educação musical, não buscava apenas registrar uma sequência de acontecimentos da vida. O que me movia era o desejo de construir formas de produção que escapassem à lógica da confirmação e da linearidade. Toda vez que encontrava com uma narrativa docente nos meus dias letivos pensava em companhia. Lugar no qual seria possível dialogar.

Como pesquisadora, nunca desejei apenas falar sobre o outro. Sempre quis produzir escutas com quem habita a sala de aula, com quem sente o chão da escola nos pés. No mestrado, caminhei entre vozes alheias. Agora, era tempo de permitir que a minha própria voz me atravessasse — não por vaidade, mas como gesto de companhia. No doutorado, fui sendo afetada pelas proposições de Janet Miller, que compreende a escrita de si como prática performativa, exposta ao risco, à falha, ao deslocamento. Não se trata de dizer sobre si com firmeza, mas de habitar as brechas entre o que se vive e o que se pode nomear. Talvez seja justamente aí, nas falhas que costumamos esconder, que algo potente possa emergir. Talvez o que escapa também ensine.

Assim, a escrita de si não é uma exposição de um eu essencial, mas uma política da linguagem. Um dos muitos modos de produzir currículos² em e a partir das fissuras da experiência. Como lembra Santos (2023), ao imaginar que o currículo — e aquilo que fazemos dele — é autobiográfico, deslocamos a pergunta do que ensinar para como nos

² Esta pesquisa de doutorado investiga políticas curriculares, compreendendo o currículo como experiência situada e relacional, inspirada no *currere* de Pinar (2022), mas deslocada de seu viés fenomenológico e autocentrado. Em vez de buscar integração narrativa entre passado e presente, assumo o currículo como texto vivido e instável, atravessado por alteridade, temporalidades não lineares e encontros abertos. A teorização que me orienta não busca síntese, mas sustenta o desconforto e o inacabado como ética da escuta e da incompletude diante do outro.

constituímos no próprio ato de ensinar. E, nesse deslocamento, reconhecemos que toda produção curricular é, também, produção de sujeitos, de memórias, de vozes — e de suas margens.

Nas aproximações que fiz dos seus estudos autobiográficos pós-estruturais (Miller, 2005, 2010, 2014, 2021; Miller; Macedo, 2018), há uma não linearidade narrativa entre passado, presente e futuro. Enquanto investigava como a autobiografia poderia contribuir para o fazer do currículo, fui me deparando com a radical impossibilidade de uma narrativa totalizante sobre a vida. Como ela mesma afirma, trata-se da “impossibilidade de compreender totalmente nossas paisagens originais” (Miller, 2021, p. 30).

Essa abertura torna-se, assim, um gesto investigativo que convoca os sujeitos à produção de si em meio às tramas discursivas que operam na educação, no currículo e em suas políticas (Santos, 2023; Santos; Macedo, 2021). Ao ser mobilizada como método e prática educacional, a autobiografia performa aquilo que Miller (2005, p. 232) fórmula com precisão: “um apontar maneiras pelas quais as identidades e vozes [...] As vozes nunca são apenas a descoberta esperada de algo pré-existente, nunca são fixas e imutáveis.” Nesse gesto, ela desloca a vida (a Bio) de seu lugar fixo e a faz circular como potência multidimensional (Santos, 2023; Santos; Macedo, 2021), atravessada por saberes, formações, produções, políticas curriculares, enfrentamentos cotidianos, forças institucionais, discursos sociais.

Dessa maneira, ao trata-se de acenar um modo de fazer pesquisa autobiográfica de uma educadora musical, narrando minha experiência como pesquisadora, professora, mulher, primeiro exploro a ideia da autobiografia em perspectiva pós-estrutural³ em articulação com as ideias de Janet Miller para destituir minhas defesas como estudo e pesquisa educacional. Depois faço um preâmbulo das pesquisas autobiográficas no Brasil.

³ O pós-estruturalismo, como assinala Lopes (2013, p. 12), constitui-se em relação crítica ao estruturalismo, deslocando a centralidade da estrutura para o discurso e recusando qualquer pretensão de universalidade ou fundamento último. Trata-se de uma perspectiva que, ao problematizar a estabilidade da linguagem e a fixidez do sujeito, evidencia a contingência e a precariedade de toda significação. Nesse sentido, não há identidades a priori, mas efeitos sempre provisórios de jogos de linguagem e de relações de poder, nos quais o currículo se configura como campo discursivo em disputa, mais do que como expressão de uma essência pedagógica.

2 Intrusões à autobiografia pós-estrutural

Nesta seção, proponho-me a pensar o uso da autobiografia como prática de pesquisa em educação musical — não para defini-la ou encerrá-la, mas para produzir deslocamentos sobre o que ela pode significar quando compreendida como gesto ético, teórico e político frente às políticas curriculares e ao próprio campo do currículo. Parto do reconhecimento, como já nos alerta Santos (2023), de que não há um início puro: “algo já foi feito” — ou, como ecoa Bennington (1996, p. 23), “está no não importa o quê, já se apostou tudo”.

Começo, portanto, pelo atravessamento que me constitui quando, ao anunciar o desejo por uma pesquisa autobiográfica, vejo-me convocada a responder: o que é? O que explica? E, a quem responde?

Falar da autobiografia é lançar-se a um terreno no qual o conhecido se desfaz. É saber, que aquilo que parece íntimo se revela estranho, e o que se diz com palavras vacila diante do que insiste em escapar. Nomeá-la é já fracassar — porque toda tentativa de definição encontra sua margem no imprevisível da experiência. A escrita de si não se encerra em formas; ela se arrisca. Desdobra-se em gestos que não cabem em moldura, em sentidos que se desfazem no instante mesmo em que surgem.

Sob a perspectiva pós-estrutural a autobiografia se apresenta como um fazer aberto. É esse gesto sempre inacabado que, segundo Miller (2014), nos convoca a resistir às forças das formas unitárias e padronizadas — sejam elas no currículo, na pedagogia ou na pesquisa — que tentam reduzir nossas existências enquanto sujeitos que aprendem, ensinam e investigam.

A partir das proposições, permito-me afirmar que a autobiografia, configura-se mais como um processo intelectual, é, portanto, um tipo particular de investigação que acolhe a complexidade da subjetividade, um modo de fazer que carrega consigo o constrangimento inevitável de confrontar a si mesmo, o outro, as experiências educativas, a relação entre o eu e a pesquisa, o ensino, o conteúdo e o currículo.

O constrangimento que atravessa a autobiografia não se deixa aprisionar por qualquer forma de controle. É ele que habita o desejo do auto-do-bio-do-gráfico, esse impulso de grafar a vida que jamais se contenta com as versões que damos de nós

mesmos, pois elas se revelam insuficientes. Não capturam a realidade em sua plenitude, mas antes aquilo que recusamos, esquecemos ou silenciemos em nossas narrativas — os vestígios fugidios das nossas histórias que escapam à delimitação do que já conhecemos (Santos, 2023).

Esse constrangimento, longe de ser um obstáculo, sustenta o retorno ao vivido, o retorno do retorno, tal como propõe Miller (2005). Ele instaura tensões e entremeios nas tramas do acontecido e do ficcionado, mesmo quando sabemos que esse retorno não reconstitui o passado, nem sequer a memória (Santos, 2023). Assim, narrar, revisitar histórias, não se apresenta como um reencontro com o pretérito, tampouco como um encontro com o presente, e muito menos como uma antecipação do futuro. Trata-se, antes, de uma situação em experiência — uma circunstância biográfica em que o que importa é a natureza do experienciado, da experiência em sua temporalidade imprecisa.

Essa compreensão abre espaço para interrogar as sutilezas do vivido da vida, os detalhes que nos atravessam de forma sempre conflituosa e desequilibrada, pois a autobiografia carrega consigo as marcas desses efeitos ambíguos. Ainda mais porque toda narrativa — seja ela escrita, falada ou vivida — pode ou não se ancorar em conexões prévias, e é justamente nessa contiguidade ou ruptura que reside seu caráter instável. Nos estudos de Miller (2005; 2010; 2014), o exercício da memória, sempre contingente e fragmentado, revela um desejo de falar que não se confunde necessariamente com o ato de lembrar. O que pulsa é o desejo do desejo — o anseio de reconhecer aspectos do passado que nos alcançam, e não o passado em si, irredutível e fugidio.

Essa condição impõe a responsabilidade de responder ao que nos chega, seja em forma de histórias nostálgicas que idealizamos ou em contos que inventamos para dar sentido ao presente (Santos, 2023; Miller, 2014). O gesto autobiográfico se constrói, então, a partir dessas histórias embaralhadas, imaginadas, e representações impossíveis — apontando para futuros ainda não escritos, possíveis entrelinhas do que está por vir. Contudo, não há retorno ao passado: qualquer tentativa de regressar é, antes, um esbarrar em preocupações do presente que evocam o porvir, sempre sem a promessa de certezas ou acertos (Miller, 2010). O passado, longe de ser uma mera imagem mental

subjetiva, revela-se como presença viva que nos proporciona recursos para experiências educacionais e para a vida no mundo.

Sustento, por isso, que o que move o fazer autobiográfico na educação musical e na produção de sentidos no currículo é o eterno interrogar. Como bem coloca Santos (2023, p. 43), trata-se de “inquietar-se sobre o que se coloca como tempo presente e como traços de verdades que foram estabelecidos em outros momentos afirmados”.

Como propõe Miller (2005, 2010, 2021), os processos autobiográficos ou as narrativas de si vão além da simples escrita ou do mero ato de recordar histórias. “Trata-se de uma forma de se engajar com o passado, a partir do qual o presente e possíveis futuros se tornam visíveis em contextos inter-relacionados e em múltiplas formas sociais e subjetivas – sempre contingentes e fluidas – de lembrança” (Miller, 2010, p. 20). Dessa perspectiva, a autobiografia jamais oferece um porto seguro para nossas certezas ou suposições. Ao contrário, ela se apresenta como um lugar que descarrega as confusões e tensões da memória, as implicações profundas que carregamos conosco e com o mundo, atravessando contextos, tempos, espaços e lugares.

Assim, responder ao chamado do autobiográfico — a sua prática — é um gesto de enfrentamento das próprias subjetividades, o que traz consigo uma ironia sutil ao se olhar para o passado não com a finalidade de verificação das histórias, mas para “as raízes, a autenticidade e, simultaneamente, para evocar o poder afetivo da nostalgia” (Miller, 2010, p. 15). O fazer narrativo, longe de se configurar como uma descrição densa — esse gênero borrado e poroso (Santos, 2023) — é, antes, um acontecimento vivo, um evento que nós mesmos criamos.

Por essa razão, permanece sempre o desequilíbrio entre uma versão inicial e uma versão final do sujeito. As memórias, como defendo (Santos, 2023, p. 42), serão para sempre “incompletas e incapazes de celebrar um sujeito-eu acabado”. Elas são condensações provisórias, que não correspondem a “qualquer promessa positiva de sujeito” (Santos, 2022, p. 42), mantendo aberta a fluidez da experiência e da subjetividade.

A autobiografia, na sua essência, constitui-se como uma forma de resposta aos momentos temporais que nos atravessam, exigindo de nós uma luta contínua “contra qualquer versão da nostalgia” (Miller, 2010, p. 15). A menos que a nostalgia — enquanto

movimento — reconheça a impossibilidade de um retorno ao passado, ela atua acionando construções parciais de histórias que justaponham memórias fragmentárias, configurando “tipos inconclusivos e fragmentários de ‘verdades’ como uma maneira de adicionar ironia a quaisquer impulsos nostálgicos restaurativos diante da perda lamentada da tradição e da continuidade” (Miller, 2010, p. 15). Esse movimento busca romper com a crença no linear, no sequencial, no eu acessível e nas análises racionais de si mesmo, abrindo caminho para o acesso a um “eu” performático (Miller, 2005) que “se torna um ser provisório por meio da construção social” (Miller, 2021, p. 34). Mais do que diluir o eu, esses modos poderiam resistir à imposição de versões definitivas da narrativa, abrindo fissuras para o inacabado, o provisório e o plurívoco (Miller, 2021, p. 34).

Por isso, o processo autobiográfico revela-se complexo: os esforços para pensar a impossibilidade de retorno ao passado oferecem condições para eventuais mudanças de pensamento — perturbações, como costume nomear (Santos, 2023) — que trazem à tona as peças confusas das nossas memórias. São essas peças que nos impulsionam a desenvolver pesquisas e a teorizar no campo da educação e do currículo, especialmente diante da emergência constante de regulações pedagógicas e curriculares pautadas em padrões comuns de ensino, aprendizagem e avaliações padronizadas que buscam mensurar a qualidade das escolas (Miller; Macedo, 2018; Miller, 2005).

Precisamente no campo da educação musical multiplicam-se narrativas autobiográficas que carregam a intenção de manifestar a presença de um eu soberano, um eu racional e consciente de seu processo. No entanto, tais narrativas frequentemente ignoram os enquadramentos sociais e discursivos que as atravessam, “o que, subsequentemente, contribui para formatar construções dominantes de narrativas e ‘identidades’ escolares preferidas” (Miller, 2014, p. 2057). Essas versões, que Miller (2005) denomina como “histórias alegres”, raramente problematizam as particularidades e contradições que permeiam o ensino, a educação, a aprendizagem e o currículo, pois se assentam confortavelmente nos discursos tradicionais que pautam nossas formas convencionais de pesquisa. Consequentemente, “tendem a fazer vista grossa para as contradições, paradoxos, relações de poder, intervalos e silêncios — o incognoscível — que permeiam qualquer construção do *self*, dos relacionamentos ou

das concepções curriculares” (Miller, 2014, p. 2057). Com o compromisso de assumir um trabalho educacional musical autobiográfico radicalmente disruptivo e perpetuamente em processo, “como modo de se opor à incessante insistência na certeza” (Miller, 2014, p. 2056).

Nesse horizonte, qualquer acontecimento narrado, qualquer fato autobiográfico, deve desfamiliarizar as performances do eu — seja como professor(a), pesquisador(a), teórico(a), sindicalista, pai, mãe, mulher, coordenador(a) pedagógico(a) — como uma forma de encarar nossos excessos e a não linearidade dos fatos e das experiências. É verdade que essa desfamiliarização pode soar arriscada, desconfortável, até mesmo inquietante. Mas é necessário enfrentar o excesso que carregamos nos reconhecimentos e imaginar outra abordagem do autobiográfico — uma abordagem talvez nunca antes tentada — pois o excesso faz parte da compreensão da incompletude das biografias; ele é, como Miller (2014, p. 2061) define, “imprevisível, imensurável, impossível de conter, parcialmente incoerente, e impossível de ser inteiramente conhecida”.

Portanto, para mim, o desafio colocado por esse processo e essa concepção de autobiografia é este: envolver-se continuamente com o desconforto de permitir que o não familiar permaneça não família — um desconforto produtivo e inquietante que nos convoca a habitar a abertura constante (Santos, 2023). Assumo, como Santos (2023) a recomendação e o convite para uma autobiografia que carregue “múltiplos significados e usos, capaz de provocar um movimento desconstrutivo entre o eu e o outro, o texto narrativo e as subjetividades e o mundo” (Santos, 2023, p. 41).

Por fim, se essas ideias que anunciam o retorno do retorno, as tensões, conflitos e desequilíbrios da memória parecerem excessivamente confusas, lembro que a autobiografia estabelece uma relação com o acontecimento que nos desfamiliariza em relação a qualquer temporalidade — seja presente, passado ou futuro — e nos aproxima dos contextos e acontecimentos imprevisíveis das nossas experiências (Miller, 2005, 2021). É justamente por isso que a autobiografia é possível de realizar, escrever, fundir e fissurar.

2.1 Marcos da pesquisa (auto)biográfica no Brasil

Escrevendo-se no entre, nos rastros do tempo e nas dobras da política do discurso. Não é possível contar a história dos estudos (auto)biográficos no Brasil sem reconhecer que qualquer história contada se faz atravessada por escolhas, silêncios, deslizamentos e desejos. Longe de uma linearidade progressiva, o que se apresenta é um campo em disputa – discursivo, político e epistemológico – que tensiona a noção mesma de "história" e "pesquisa".

É nesse entre—entre o vivido e o narrado, entre o político e o íntimo—que a pesquisa (auto)biográfica começa a delinear seus percursos no campo educacional brasileiro. Ainda que práticas de escrita de si estejam enraizadas culturalmente — nos cadernos de memórias, nas cartas, nas narrativas partilhadas em cozinhas e quintais —, é a partir da década de 1990 que tais expressões começam a ser reconhecidas como forma legítima de investigação em Educação. A valorização das narrativas de professores, a escuta das experiências cotidianas e o reconhecimento dos saberes docentes se consolidam como gestos políticos de legitimação, mas também de resistência. A aposta nas histórias de vida, como indicam diversas pesquisas (Igayara-Souza, 2025; 2011; Maciel; Almeida, 2023; Monti, 2013; Santos, 1951; Almeida, 2022; 2019; Cassiani; Almeida, 2022; Alves, 2015), configura-se como gesto insurgente frente a modelos de cientificidade que historicamente buscaram silenciar o vivido na produção do conhecimento.

Nos anos 2000, esse movimento ganha força, se institucionaliza em redes, associações, congressos, como o Colóquio Internacional de Pesquisas (Auto)biográficas — CIPA, e atravessa diferentes áreas do conhecimento. É preciso dizer que esse crescimento não foi (nem é) neutro. Ele responde às disputas por quais vozes podem ser ouvidas na pesquisa, quais subjetividades são legitimadas como epistemicamente válidas. Como nos lembra Alice Casimiro, todo currículo – e aqui, também, toda produção científica – é uma política de representação. O que se representa, e o que se silencia, importa.

A pesquisa (auto)biográfica, ao inscrever a vida nos modos de narrar o conhecimento, recusa-se a ser apenas técnica. Ela é situada, encarnada, tensionada. E é

nesse gesto que ela se torna potente: não por buscar a "verdade" de um sujeito, mas por abrir espaço para que as fissuras da experiência revelem outras possibilidades de pensar a formação, à docência, a arte, a educação.

Segundo o mapeamento realizado durante a pesquisa, entre os anos de 2000 e 2025, foram identificados 36 artigos científicos com enfoque (auto)biográfico no campo da Educação Musical. Os dados não impressionam pelo volume, mas pelo ritmo com que a escrita de si foi se tornando mais presente no fazer científico. Apenas 1 texto foi publicado na década de 2000. De 2011 a 2020, esse número salta para 16. E, entre 2021 e 2022, encontramos 13 publicações, sendo que 11 delas ocorreram somente em 2022. Em 2023, foram publicados aproximadamente 6 novos estudos entre 2023 e junho de 2025, conforme levantamento em periódicos especializados como a Orfeu, a Per Musi, a Revista da ABEM, a Revista Fundarte e a Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica. Destacam-se produções como o dossiê da Igayara-Souza (2025)⁴ sobre abordagens biográficas na música, além de estudos sobre trajetórias docentes e musicobiografização, que continuam a expandir as possibilidades da escrita de si na Educação Musical. Isso eleva o total da produção nacional mapeada no campo para cerca de 37 artigos até o primeiro semestre de 2025.

A distribuição regional desses textos, no entanto, nos diz mais do que parece. 47% da produção está concentrada na região Sul, seguida pelo Centro-Oeste (25%), Norte (16%), Nordeste (9%) e, por fim, a região Sudeste, com apenas 3% (Maciel; Almeida, 2023). Essa geopolítica do conhecimento revela as forças assimétricas que estruturam o campo acadêmico brasileiro. A escrita de si, ainda que subversiva em sua forma, é também atravessada pelas disputas de legitimidade, financiamento e visibilidade que compõem o campo científico.

Também é significativo que os autores mais citados nas referências desses trabalhos sejam nomes já consolidados na área da formação docente e da autobiografia: Abrahão (2003), Passeggi; Souza; Vicentini (2011), Souza (2012), Delory-Momberger (2012), Philippe Lejeune (2014), entre outros. Essa escolha de referencial não é neutra.

⁴ Igayara-Souza (2025), intitulado "Atualidade dos estudos (auto)biográficos na pesquisa em música".

Ela inscreve a pesquisa (auto)biográfica dentro de uma genealogia que valoriza a experiência, a escuta, o reconhecimento do vivido como categoria epistemológica.

As pesquisadoras Delmary Abreu, Jéssica Almeida, Ana Lúcia Louro, Maria Cecília Torres e Leda Maffioletti aparecem entre as autoras que mais publicaram no campo, vinculadas a diferentes instituições de ensino superior. Muitas delas integram o Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil, coletivo que emerge em 2018 como uma rede de escuta e escrita entre professoras de diferentes regiões. Como lembra Cassiani e Almeida (2022, p. 4), esse movimento “[...] acabou estabelecendo um diálogo mais próximo entre pesquisadoras da área que, ao longo dos últimos anos, têm desenvolvido estudos e produções acadêmicas na perspectiva (auto)biográfica”.

Contar essa produção é também contar uma luta por lugar. Por direito à voz. Por legitimidade da experiência. Mas é, sobretudo, uma disputa por futuro. Porque ao escrever sobre o passado vivido, os estudos (auto)biográficos reconfiguram o presente da pesquisa e traçam outras possibilidades para os modos de formar e de ser pesquisador.

Como nos diria Miller (2005), toda escrita autobiográfica é uma forma de habitar o desconforto, de permanecer na tensão entre o eu e o outro, entre o dizer e o calar. E ao lermos essa produção em seu conjunto, não vemos apenas textos. Vemos gestos de existência. Vemos sujeitos que insistem em narrar suas trajetórias como modo de tensionar as certezas do campo e abrir outras trilhas para o conhecimento.

Ao longo da revisão bibliográfica, não poderia deixar de mencionar o Dossiê “Perspectivas da Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação Musical” (Orfeu, v. 7, n. 1, 2022), cuja densidade teórica e diversidade metodológica evidenciam a vitalidade dos estudos autobiográficos no campo da educação musical contemporânea. Os textos reunidos abordam memórias formativas, trajetórias docentes, experiências intersubjetivas e contextos múltiplos que atravessam a constituição de identidades e práticas em música, compondo um panorama plural e rigoroso. Entretanto, em razão da extensão e da heterogeneidade do material, optei por não incorporá-lo à análise detida realizada neste trabalho, decisão que se deve exclusivamente à necessidade de delimitação do corpus investigativo. Cabe, contudo, destacar a excelência do dossiê, que

se configura como referência incontornável para investigações futuras e como espaço fecundo de diálogo entre currículo, subjetividade e educação musical.

Suposição final

Talvez não seja sequer possível falar de educação sem habitar o risco. Sem trincar o espelho da certeza. Sem desfazer os contornos rígidos do que se convencionou chamar de realidade. Educação, se for, será sempre um convite à exposição — de si, do outro, do mundo. Um gesto de despossessão que não cabe em protocolos.

Meu argumento, como quem tateia com palavras, quer tensionar a promessa (ainda em aberto) de compreender o currículo como texto vivido, como acontecimento ético e relacional. Herdeiro de múltiplas linhagens — de Dewey a Freire, dos estudos do cotidiano à não aceitação da corrida neoliberal de alto desempenho, e as teorizações pós-estruturais. Desejo insistir na experiência como campo de irrupção curricular: não como acúmulo de vivências, mas como dobra, ruído, interrupção. Talvez uma forma de escutar o que vibra entre os sujeitos, ou o que, se intra-age antes mesmo de ser nomeado.

A escrita de si, nesse contexto, não se ergue como narrativa de um eu coeso, mas como interrupção da identidade. Como um entre, como um espelho rachado onde se vê também o outro, e a diferença. A autobiografia torna-se, assim, política do desvio: gesto movente que destitui o sujeito de seu lugar central e o lança ao encontro — não para confirmar, mas para desafiar.

É nesse campo movediço que vislumbramos a possibilidade de políticas curriculares performativas, nas quais não se trata de aplicar conteúdos, mas de sustentar vínculos, de habitar o inacabado. O currículo-*currere* que aqui se anuncia não quer chegar: ele deseja partir — ou talvez nem isso. Ele quer permanecer em travessia.

Tal currículo não se ancora em resultados, competências ou sínteses. Ele se alimenta de perguntas que não prometem resposta. E encontra nas vulnerabilidades partilhadas — entre professoras, estudantes, paredes rachadas e silêncios longos — as condições para tornar a vida um pouco mais vivível. Às vezes, isso aparece como gesto mínimo: uma escuta que se prolonga, uma ausência que se nomeia, uma palavra que se recusa a fechar.

Contar-se, por isso, é menos uma escolha do que uma convocação. Um gesto que não cabe nos contornos da neutralidade. Escrevo não porque sei, mas porque tremo. Porque algo ainda pulsa — mesmo quando o texto ameaça terminar.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *História da Educação*, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.

ALMEIDA, Jéssica. *Biografia músico-educativa: produção de sentidos em meio à teia da vida*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ALMEIDA, Jéssica. Perspectivas da pesquisa (auto)biográfica para a educação musical: um exercício metanarrativo. *Orfeu*, v. 7, n. 1, p. 2-24, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/21612>. Acesso em: 16 jun. 2025.

ALVES, Gislene de Araújo. Narrativas de si: reflexões teórico-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica como abordagem de investigação e formação docente. In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação, 2015, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Disponível em: http://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/416/NARRATIVAS%20DE%20SI_%20REFLEX%20C%95ES%20TE%20C%93RICOMETODOL%20C%93GICAS.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em 04 jul. 2025.

BENNINGTON, Geoffrey. *Interrupting Derrida*. London: Routledge, 1996.

CASSIANI, Yalexis Cecilia Rondón; ALMEIDA, Jéssica de. Movimento (auto)biográfico da educação musical no Brasil: percorrendo brevemente sua primeira edição. *Diálogos Sonoros*, v. 1, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/dialogossonoros/article/view/30965>. Acesso em: 28 jun. 2025.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, dez. 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782012000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 jul. 2025.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecilia. *Entre palcos e páginas: a produção escrita por mulheres sobre música na história da educação musical no Brasil (1907-1958)*. 2011.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

IGAYARA-SOUZA, Susana Cecilia. Atualidade dos estudos (auto)biográficos na pesquisa em música. *Per Musi*, Belo Horizonte, v. 26, e252605, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2317-6377.2025.54852>. Acesso em: 4 jul. 2025.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOPES, Alice Casimiro. Teorias pós-críticas, política e currículo. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, n. 39, p. 7-23, 2013. Disponível em: http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC39/ESC39_AliceCasimiroLopes.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e autobiografia: uma escrita em si e entre. In: MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet. *Autobiografias, narrativas e pesquisas educacionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018. p. 153–172.

MACIEL, Marcos Francisco; ALMEIDA, Jéssica de. Movimento (auto)biográfico da Educação Musical no Brasil: análise de artigos científicos. In: CONGRESSO DA ABEM, 32., 2023, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: ABEM, 2023. Disponível em: <https://abem.mus.br/anais-congresso/v5/>. Acesso em: 04 de Jul. 2025.

MILLER, Janet. *Getting played: narrative inquiry, teaching, and curriculum in the context of high-stakes testing*. New York: Teachers College Press, 2005.

MILLER, Janet. *Teaching, learning and loving: reclaiming passion in educational practice*. New York: Routledge, 2010.

MILLER, Janet. Performance, pedagogy and curriculum. In: PLOWS, Victoria; SCOTT, David (Org.). *Curriculum, pedagogy and educational research: the work of Lawrence Stenhouse*. London: Routledge, 2014. p. 2046–2063.

MILLER, Janet. Paisagens autobiográficas: sentidos e deslocamentos. In: MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet. *Autobiografias, narrativas e pesquisas educacionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021. p. 25–35.

MILLER, Janet; MACEDO, Elizabeth. Políticas públicas de currículo: autobiografia e sujeito relacional. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 152–173, 2018. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/12397>. Acesso em: 4 jul. 2025.

MONTI, Ednardo. Quando poderemos ler o nosso livro? Villa-Lobos e sua formação musical, entre cartas e (auto)biografia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. *Anais [...]*. SBHE, Universidade Federal do Mato Grosso.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino De; VICENTINI, Paulo Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. *Educação Em Revista*, 27(1), 369–386. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 4 jul. 2025.

PERSPECTIVAS da pesquisa (auto)biográfica em educação musical. *Orfeu*, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/issue/view/878>. Acesso em: 12 set. 2025.

PINAR, William F. *A praxis of presence in curriculum theory*. New York: Routledge, 2022.

SANTOS, Maria. Narrar histórias de pesquisas e fazer pesquisa com a autobiografia. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 21, p. 1–19, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/59676>. Acesso em: 4 jul. 2025.

SANTOS, Maria; MACEDO, Elizabeth. Autobiografia e alteridade: narrar-se em tempos de silenciamento. In: MACEDO, Elizabeth; MILLER, Janet. *Autobiografias, narrativas e pesquisas educacionais*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2021. p. 37–55.

SOUZA, Licia Oliveira. "A biografia no Brasil: tendências do mercado editorial nos primeiros anos do século XXI". *Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2014. Intercom, Foz do Iguaçu.